



## **MANIFESTO DO COLETIVO PPGEDU NA LUTA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO-UFPE**

Estudantes do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) vêm através deste Manifesto tornar pública a sua posição contrária à retomada das atividades de ensino na Pós-Graduação *stricto sensu* por meio de ensino remoto e defender o cancelamento do semestre de 2020.1.

O **COLETIVO PPGEDU NA LUTA** surgiu da necessidade de provocar debates e posições críticas junto à comunidade universitária a respeito do papel da UFPE no combate à Pandemia do Covid-19, assim como para estabelecer um contraponto à adoção das aulas remotas na universidade, que abrem espaço para o aprofundamento de usos e estratégias do ensino à distância (EaD) que fragilizam as Instituições Federais de Ensino Superior, já sob constante ataque.

Na mesma direção de tantas outras manifestações de crítica à retomada das atividades na Educação Básica e Educação Superior que envolvam o trabalho remoto ou EaD<sup>1</sup>, como também do recente manifesto que expressou o

---

<sup>1</sup> Como, por exemplo, a *Nota da Associação dos Docentes da Universidade Federal de Campina Grande - ADUFCG contra a utilização de ensino remoto na UFCG e a Nota Suspensão das Atividades de Ensino Remoto e a Problemática do Ensino Remoto*, assinada por variadas organizações sindicais e estudantis e pelo Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior- ANDES.

posicionamento da Linha de Pesquisa em Educação e Espiritualidade sobre a oferta de componentes curriculares em formato remoto e as *Notas sobre as Contrarreformas Empresariais na Educação no Contexto da pandemia do Covid-19: o choque da educação a distância*, do Grupo Gestor - Pesquisa em Gestão da Educação e Políticas do Tempo Livre<sup>2</sup>; é que subscrevemos este Manifesto.

**1-** Vivemos um momento de crise estrutural do capital, de dimensões econômicas, sociais, políticas e institucionais acompanhada de um crescente e cada vez mais generalizado cenário de caos e colapso do sistema público como um todo e, em especial, das áreas da saúde, da educação e da assistência social. As medidas governamentais em âmbito federal têm aprofundado o regime de precarização do trabalho, o agravamento do cenário pandêmico e o estrangulamento dos fundos públicos em função dos interesses financeiros e das frações da coesão burguesa que comanda política e economicamente o país. Qualquer iniciativa ou resposta da universidade pública a este cenário necessita ter em conta este conjunto de razões, na defesa do interesse público e da garantia da universidade pública, gratuita socialmente referenciada e com articulação entre ensino, pesquisa e extensão com qualidade.

**2-** Apesar do processo de subnotificação, o Brasil passa pelo período de maior taxa de contágio e de mortes em virtude da pandemia do Covid-19, passando a ser o epicentro da pandemia no mundo. Esta situação é agravada pela alta taxa de letalidade, sobretudo nas regiões, estados e municípios em condições mais precárias. O recrudescimento da Pandemia traz consequências imensuráveis para a vida de muitas pessoas, seja pelo sofrimento com a doença, pelos cuidados com familiares e pessoas próximas acometidas pelo vírus ou mesmo pela monumental alteração de rotina e de seus efeitos psicológicos e físicos. Neste sentido, se a vida e a construção de um bem-estar relativo neste momento são mais importantes tal

---

<sup>2</sup> Disponível em:

[https://www.dropbox.com/s/dzriugsc8w4quz7/texto%201\\_NOTAS%20SOBRE%20AS%20CONTRARREFORMAS%20EMPRESARIAIS%20DA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20NO%20CONTEXTO%20DA%20PANDEMIA%20COVID-19\\_%20O%20E%2%80%9CCHOQUE\\_%20DA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20A%20DISTANCIA%20%20%282%29.pdf?dl=0](https://www.dropbox.com/s/dzriugsc8w4quz7/texto%201_NOTAS%20SOBRE%20AS%20CONTRARREFORMAS%20EMPRESARIAIS%20DA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20NO%20CONTEXTO%20DA%20PANDEMIA%20COVID-19_%20O%20E%2%80%9CCHOQUE_%20DA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20A%20DISTANCIA%20%20%282%29.pdf?dl=0)

retórica não deve permanecer apenas no trato da contradição vida/mercado, devendo também ser tratada como prioridade na própria universidade, sob pena de recorrer ao regressivo argumento de que “a vida continua” e de que “é preciso voltar à normalidade”.

**3-** Está em curso acelerado no Brasil o desmonte do sistema público e, em particular um ataque coordenado à educação pública. Temos acompanhado nos últimos anos o fechamento de escolas urbanas e rurais, de *campi* universitários, precarização do trabalho docente e de medidas que atacam os três segmentos universitários. Tal cenário se apresenta em meio a uma severa política de desfinanciamento para as universidades, revelando, por outro lado, que diante de uma crise sanitária, os investimentos na ciência são cruciais para o enfrentamento dos problemas da sociedade. Além disso, mais recentemente acompanhamos a exclusão das Ciências Humanas do PIBIC/CNPq e, neste ínterim, discordamos de que a saída para a universidade federal seja continuar a reproduzir a “eficácia” e os “prazos” do modelo em desmonte. A desproporção com que certos setores da universidade discutem os ataques sistemáticos à universidade comparados à necessidade de retomar as atividades pelo ensino remoto não deixa de ser sintomática. Isto se agrava quando constatamos que a decisão de retomada das aulas através ensino remoto se acosta em normativas inteiramente novas e pouco debatidas com o conjunto dos interessados.

**4-** O perigo também se encontra em flexibilizar uma das premissas mais elementares da universidade que é o ensino presencial. Este perigo não está desacompanhado de inúmeras iniciativas privatistas na área da educação que tentam cada vez mais relativizar o caráter presencial, o que conduzirá (a Educação Básica e Superior) ao barateamento da educação, rebaixamento das condições de trabalho docente, precarização da formação de professores/as, dentre outras consequências. Além de tudo, o modelo presencial, em que pese a atual ampliação da agenda educacional à distância, apresenta um acúmulo científico, profissional e institucional mais amplo, além de uma práxis que corporifica o próprio modo de

funcionar da universidade. Some-se a isso algo incontestável: a amplitude e a riqueza de mediações daí decorrentes.

**5-** A UFPE não atende a um público absolutamente distinto do que é o perfil brasileiro e que apresenta profundas limitações em relação à estrutura mais básica para ter aulas remotas. Como demonstram os dados da pesquisa feita pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br); 58% dos domicílios no Brasil não têm acesso a computadores e 33% não dispõem de internet<sup>3</sup>. Entre as classes mais baixas, o acesso é ainda mais restrito.

**6-** Em decorrência de determinações históricas e sociais, o Programa de Pós-graduação em Educação é composto por um corpo discente significativamente feminino, o que torna imprescindível a consideração das especificidades deste grupo estudantil na determinação de suas medidas acadêmicas. Conforme dados fornecidos pelo IBGE (2018)<sup>4</sup> sobre o número médio de horas semanais dedicadas aos cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos por sexo, no Brasil, em 2016, as mulheres dedicaram a estas atividades cerca de 73% a mais de horas do que os homens (18,1 horas contra 10,5 horas). Desagregando os indicadores por região, o Instituto verifica que a maior desigualdade na distribuição de horas dedicadas a atividades domésticas e de cuidado está na Região Nordeste, onde as mulheres dedicaram cerca de 80% a mais de horas do que os homens, alcançando 19 horas semanais. Estes dados são de grande importância no contexto atual, visto que com a pandemia há um aumento da demanda por esses afazeres e, por conseguinte, um agravamento da sobrecarga feminina com atividades domésticas e de cuidado, gerando uma dificuldade específica para as mulheres na manutenção do ritmo de estudos e produção acadêmica. Não por acaso, um texto publicado recentemente pela Revista DADOS<sup>5</sup> demonstrou como há uma queda em sua plataforma online, em decorrência da pandemia, das submissões de artigos acadêmicos assinados por mulheres e como este fato pode estar atrelado a relações desiguais entre os sexos.

---

<sup>3</sup> Disponível em:

<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/03/23/coronavirus-faz-educacao-a-distancia-esbarrar-no-desafio-do-acesso-a-internet-e-da-inexperiencia-dos-alunos.ghtml>

<sup>4</sup> Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf)

<sup>5</sup> Disponível em: <http://dados.iesp.uerj.br/pandemia-reduz-submissoes-de-mulheres/>

7- A saúde mental dos estudantes também é algo que deve ter centralidade neste debate. A pandemia da Covid-19 está aumentando o sofrimento psicológico de milhares de pessoas ao redor do planeta. Um relatório lançado pela ONU<sup>6</sup> no início do mês de maio indica um aumento nos sintomas de depressão e ansiedade em vários países. Aterrizando essa questão no terreno educacional mencionamos uma pesquisa realizada pelo Instituto Península<sup>7</sup> com 2.400 professores da educação básica que demonstrou um aumento na ansiedade destes profissionais desde que iniciaram o trabalho remoto devido à Pandemia. Por fim, mencionamos que a mesma pesquisa chama atenção para o aumento do número de professores com síndrome de burnout [estafa, esgotamento] na China durante a pandemia devido à intensificação do trabalho. Consideramos que esses dados desenham uma tendência que ganha contornos cada vez mais nítidos sobre o brutal impacto causado pela Covid na saúde mental das pessoas. É preciso portanto, que a preocupação da universidade com a saúde mental dos estudantes não fique concentrada exclusivamente nos canais de escuta disponibilizados e se distenda para todas as implicações sociais e institucionais que a Pandemia do Covid-19 tem provocado.

8- É urgente e necessário que a universidade construa formas de se relacionar entre estudantes, professores/as, técnicos/as, comunidade e também com outras instituições, mas não pode, para isso, cobrar o preço da flexibilização das atividades presenciais, do rebaixamento da formação em nome de uma imposição de uma normalidade artificial para manter sua dinâmica de funcionamento ordinária. Se a universidade quer e precisa estar em contato com os/as estudantes, para amenizar os efeitos da Pandemia e construir contatos solidários, que o faça sem reduzir o espectro de sua atuação, e sem ministrar aulas remotas a estudantes que têm direito às aulas presenciais. Que o faça espontaneamente e para além das

---

<sup>6</sup> Disponível em:

[https://www.un.org/sites/un2.un.org/files/un\\_policy\\_brief-covid\\_and\\_mental\\_health\\_final.pdf](https://www.un.org/sites/un2.un.org/files/un_policy_brief-covid_and_mental_health_final.pdf)

<sup>7</sup> A pesquisa está disponível em:

[https://www.institutopeninsula.org.br/wp-content/uploads/2020/03/Pulso-Covid-19\\_-Instituto-Peni%CC%81nsula.pdf](https://www.institutopeninsula.org.br/wp-content/uploads/2020/03/Pulso-Covid-19_-Instituto-Peni%CC%81nsula.pdf)

atividades previstas como oficiais e não acentuando a rotina de estudos, trabalho e a pressão com os prazos.

**Diante destas razões, defendemos o cancelamento do semestre letivo e nos posicionamos de maneira contrária às atividades de ensino remoto na Pós-Graduação.**

**Recife, 01 de junho de 2020**